

## A Geopolítica do inglês e a tradução cultural no programa educacional de cooperação internacional Erasmus Mundus no ensino superior do Brasil.

Laura Diva Forte Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo, pretende demonstrar que, dentro do projeto Erasmus Mundus, a língua inglesa é importante para a comunicação entre as universidades europeias e brasileiras. Ao mesmo tempo, os europeus desprezam a utilização da língua inglesa nos países de línguas neolatinas como Portugal, Itália, Espanha e França, quando utilizada pelos estrangeiros nestes locais devido à mundialização do inglês através da cultura norte-americana. Para essa discussão foram utilizadas as teorias de Mathews (2002) e Bauman (2006).

**Palavras-chave:** Língua inglesa, tradução, Erasmus Mundus, União Europeia.

### Introdução

De acordo com Lacoste e Rajagopalan (2005) a geopolítica é toda rivalidade de poderes (e de influências) sobre territórios. A abordagem geopolítica de uma língua não se limita a examinar no mapa o alcance de sua extensão e seus limites com outras línguas.

Em outros dois dicionários da língua inglesa (Collins COBUILD e Random House Webster's) foram encontrados definições de geopolítica como sendo o interesse pela geografia e pela política. O termo tem sido utilizado na suposição de que o prefixo “geo” signifique, de uma forma ampla, “fazer referência a terra”. Já o termo geopolítica, poderia ser definido como “uma visão ou modo de política com um interesse pelo esquema planetário em sua totalidade”. Entretanto, só recentemente pensou-se em propor o termo “geolinguística”, que não tem sido encontrado em trabalhos de referência e que poderia ser definido como “um ponto de vista ou estudo da linguagem em relação com o esquema planetário da vida em sua totalidade”. (Beaugrande, 2005).

Há séculos, a difusão de uma língua em determinados territórios em detrimento das línguas que até então eram faladas ali traduz rivalidades de poderes nesses territórios. Na época colonial, a língua de cada uma das potências colonizadoras se propagou entre as populações que ela dominava com o auxílio das classes sociais que participavam ativamente do processo de modernização forçada que foi a colonização. Em nossos dias, aquilo que podemos chamar de neoimperialismo não tem mais necessidade de conquistar territórios para exercer sua dominação econômica e cultural. De algumas décadas para cá, o inglês também se propaga no plano mundial como a língua da globalização, que engloba cerca de trinta Estados de línguas diferentes e que tem necessidade de uma língua comum, ao menos em meio às categorias sociais mais “globalizadas” de sua população. (LACOSTE; RAJAGOPALAN, 2005).

---

<sup>1</sup> Coordenadora de Mobilidade acadêmica da UFPA, lauradivavieira@gmail.com

O projeto de mobilidade acadêmica ERASMUS MUNDUS foi lançado em 2004 e é financiado pela União Europeia (UE). Foi concebido para ser um programa de cooperação e de mobilidade no domínio do ensino superior, com o objetivo de promover a UE como polo de excelência em matéria de aprendizagem no mundo e promovendo a visibilidade e a atratividade do ensino superior europeu em países terceiros, a fim de contribuir para o seu desenvolvimento.

### **A Europa e os mitos de sua criação**

Europa é um nome feminino e tem a ver com fertilidade.

Bauman (2006) cita três versões para a criação da Europa. Na primeira versão, a Princesa Europa foi raptada por Zeus disfarçado de touro e o pai dela, Agenor, Rei de Tiro, mandou que seus filhos procurassem a irmã desaparecida. Um deles, Cadmon, navegou até Rhodes, desembarcou na Trácia e explorou as terras que mais tarde receberam o nome de sua irmã desaparecida. Em Delfos, perguntou ao Oráculo sobre o paradeiro dela, mas Pitonisa concedeu a Cadmon um conselho prático: “Você não vai encontrá-la. É melhor arranjar uma vaca, segui-la e forçá-la a ir em frente, sem descansar. No lugar em que ela cair exausta, construa uma cidade.” Foi assim, segundo a história, que Tebas foi fundada.

Na segunda versão, os fenícios se puseram além-mar para encontrar o continente mítico e acabaram por se apossar de uma realidade geográfica que se tornou a Europa.

Na última versão, após o dilúvio, quando Noé dividiu o mundo entre os seus três filhos, Sem, Cam e Jafé, enviou este último à Europa para que lá seguisse o mandamento de Deus: « Sede, pois, fecundos e multiplicai-vos sobre a terra abundantemente » (Gênesis 9:7).

Segundo Bauman (2006), há um entrelace nestas três histórias, pois a Europa não é algo que se descubra, mas uma missão a ser criada, construída, pois faz-se necessário muita criatividade, propósito e trabalho árduo para realizar essa missão. As versões diferenciam-se umas das outras, mas em todas elas há um ponto em comum – a Europa é mostrada como um local de aventura.

No início, a Europa era um amplo território composto por diversos povos e costumes, havendo criado importantes núcleos e culturas como os Egípcios, os Fenícios, os Gregos, os Romanos, etc. A Grécia antiga foi o berço da civilização ocidental e da democracia e o Império Romano expandiu-se por todo o continente. Aos poucos, a Europa tornou-se refém de sua própria expansão, pois com a miscelânea de povos e diversas nações, pairava um clima de desconfiança em que alguns países ameaçavam invadir outros, enquanto os Estados Unidos da América foram se desenvolvendo alheios a este clima de guerra. No final das duas guerras mundiais, que tiveram seu início na Europa, ficaram duas lições: a Europa se autodestruíu e ela não era mais o centro do mundo, visto que a hegemonia mundial deixaria de ser europeia e dois

novos grandes Estados emergiam antagonicamente – de um lado os Estados Unidos e do outro a União Soviética. Dois mundos diferentes em que a paz foi conseguida pelo pavor à terceira guerra mundial. A Europa assistia impotente ao desenrolar dos acontecimentos, após tantos séculos de domínio sobre o mundo.

### **A união europeia**

A União Europeia (UE) é um bloco econômico, político e social composto atualmente de 27 países europeus que se comprometeram a trabalhar pela paz e pela prosperidade. Esse grupo internacional formado voluntariamente e pacificamente é o maior do mundo: quase meio bilhão (495 milhões) de cidadãos que enfrentam juntos os desafios de nosso tempo.

Segundo Guillemette e Villa (2007), o que hoje conhecemos como União Europeia (UE) nasceu como uma grande aposta de paz numa Europa que se esforçava por esquecer as profundas marcas causadas por duas guerras mundiais.

Em EUROPA (2010), os países integrantes da UE são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos (Holanda), Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia.

A União Europeia tem 23 línguas oficiais e de trabalho: alemão, búlgaro, checo, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, estônio, finlandês, francês, grego, húngaro, inglês, irlandês, italiano, letão, lituano, maltês, neerlandês, polaco, português, romeno e sueco.

### **Eventos importantes na história da União Europeia**

De acordo com o Livro Azul (2008), a União Europeia foi criada com o objetivo de pôr fim às frequentes guerras sangrentas entre países vizinhos, que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Em nove de maio de 1950, Robert Schuman, ministro francês das Relações Exteriores, apresenta seu plano para uma cooperação aprofundada, pois acreditava que esta comunidade evitaria uma nova guerra entre a França e a Alemanha. Assim, o nove de maio passou a ser “Dia da Europa”. Em 1951, os seis Estados-Membros fundadores (Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países-Baixos) assinaram o Tratado de Paris constituindo a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), a fim de lançar o processo de integração através de recursos e políticas em torno destas duas grandes matérias-primas estratégicas da época. Em 1957, o Tratado de Roma cria a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atômica (EURATOM), tendo em vista a formação de uma união aduaneira entre os seis

Estados-Membros e a definição de uma série de políticas comuns que seriam decididas e geridas pelas instituições de que este tratado se dotava.

Os tratados que definem a União Europeia são: o Tratado da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), o Tratado da Comunidade Econômica Europeia (CEE), o Tratado da Comunidade Europeia da Energia Atômica (EURATOM), o Tratado da União Europeia (UE) e o Tratado de Maastricht, que estabelece fundamentos da futura integração política. Neste último tratado, se destaca acordos de segurança e política exterior, assim como a confirmação de uma Constituição Política para a União Europeia e a integração monetária, através do Euro.

Aos poucos, outros Estados-membros foram aderindo ao bloco até constituir os 27 atuais e, mais recentemente, Croácia e Turquia aspiram para entrar na UE.

Conforme Flores Jr. (2007), o novo cidadão europeu passará a ser o grande agente transformador, consolidando, interna e externamente, uma visão moderna, própria a este território único em perpétua construção. Sem dúvida nenhuma, a construção europeia foi, e continua a ser, uma tarefa impressionante, uma das maiores do século XX, mas, por almejar um objetivo gigantesco, sofre lacunas e omissões de suma importância.

### **O programa Erasmus Mundus – Janela de cooperação externa (Erasmus Mundus external cooperation window - - EM ECW)**

O surgimento do Programa Erasmus Mundus – Janela de Cooperação Externa ocorreu pelo sucesso do Programa Erasmus (acrônimo do nome oficial em idioma inglês: *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*, “Plano de Ação da Comunidade Europeia para a Mobilidade de Estudantes Universitários”) que só abrangia os Estados-membros da UE. O Programa Erasmus foi criado em 1987 e tornou-se o condutor na modernização do ensino superior na Europa, inspirando o estabelecimento do Processo de Bolonha. O Tratado de Bolonha foi firmado em 1999, por ministros ligados à Educação de 29 países do velho continente, cujo documento prevê a criação do Espaço Europeu de Ensino Superior - uma região em que os currículos são unificados, os créditos multivaldados e os estudantes tendo livre mobilidade. Tudo isso visando a aumentar a competitividade europeia no cenário mundial.

O Erasmus Mundus é um programa de cooperação internacional e mobilidade no âmbito do Ensino Superior que apoia projetos entre a Europa e países terceiros. Tem por objetivo tornar a União Europeia um polo de excelência, no domínio do Ensino Superior, de nível mundial.

Para se entender melhor o que é Cooperação Internacional, Keohane (1984) descreve o conceito: “Ajustes mútuos em políticas de governos num determinado setor por meio de um processo de coordenação política entre países, de forma que após tais ajustes mútuos as políticas de um determinado setor, seguidas por qualquer desses países, passam a ser vistas como facilitadoras da realização de objetivos por todos os demais países”.

O Programa Erasmus Mundus foi assinado pelo governo brasileiro através do Memorando de Entendimento, em 2007. Este programa é financiado pela União Europeia e tem como meta reforçar a qualidade e a capacidade de competição e de cooperação internacional das universidades europeias, a partir da intensificação da cooperação com outros países de fora do bloco socioeconômico, visando fomentar o desenvolvimento de pessoal, bem como promover o diálogo e a compreensão intercultural, mediante a cooperação com países terceiros. É a integração da Europa com os outros continentes, visto que o Erasmus Mundus está dividido em lotes, organizados, dependendo da região geográfica. Em relação ao Brasil, este artigo se refere ao Erasmus Mundus do lote 15, da chamada de 2009.

Este programa tem a denominação de “Erasmus Mundus” em homenagem ao humanista e teólogo holandês Desiderius Erasmus de Rotterdam (1465-1536), cujas viagens pela Europa o levaram a grandes centros de aprendizado como Paris (França), Leuven (ou Louvain, na Bélgica) e Cambridge (Inglaterra). Assim como o homem, o programa dá grande importância à mobilidade através do aprendizado. Erasmus de Rotterdam tornou-se o pioneiro das doações à mobilidade quando deixou sua fortuna à Universidade de Basel, na Suíça.

### **A Janela de Cooperação Externa**

A Janela de Cooperação Externa é uma iniciativa lançada pela Comissão Europeia, de modo a promover a cooperação entre instituições de ensino superior, com o propósito de incentivar o intercâmbio entre estudantes, pesquisadores e pessoal acadêmico e apoiar a mobilidade, especialmente de países não membros da UE para Estados-Membros da UE.

O órgão responsável por todas as atividades do Erasmus Mundus é EACEA (Education, Audiovisual and Culture Executive Agency), sob a supervisão de *Directorate-General for Education and Culture* (DG EAC of the European Commission) e *EuropeAid Co-operation Office* (DG AIDCO of the European Commission).

### **Objetivos do Programa**

Os principais objetivos deste programa de mobilidade são: promover a mobilidade de estudantes e de pessoal acadêmico ao nível mundial; aumentar a cooperação internacional entre Instituições de Ensino Superior; abrir caminho ao reconhecimento internacional de estudos e qualificações, e desenvolver o papel do Ensino Superior no intercâmbio do Conhecimento, de competências e de conhecimentos especializados.

### **Funcionamento das Parcerias/Consórcios**

A criação das parcerias no programa Erasmus Mundus funciona desta forma: primeiramente, a Comissão Europeia seleciona as parcerias entre universidades da UE e de países parceiros, com vista à organização dos intercâmbios. Cada parceria é composta por um mínimo de cinco universidades europeias oriundas de, pelo menos, três Estados-Membros da UE e por, pelo menos, uma universidade oriunda de cada um dos países parceiros, incluídos numa dada área geográfica. As redes formadas no Brasil são compostas por universidades europeias e brasileiras, coordenadas por uma universidade europeia.

### **Quem pode participar no Programa Erasmus Mundus**

Estudantes de graduação, doutorado ou pós-doutorado, assim como pessoal acadêmico (para ensino, formação e pesquisa) de universidades conveniadas.

### **Duração da Mobilidade e Benefícios**

A duração da mobilidade pode variar entre um e trinta e quatro meses, e os candidatos selecionados poderão receber apoio aos custos de viagem, seguros e taxas. Terão direito, também, a um valor mensal que pode variar entre 1000 e 2500€.

### **Instituições de Ensino Superior Brasileiras participantes**

Em geral, as universidades brasileiras participantes do projeto são federais ou estaduais. Entre elas estão: PUCPR, UFPA, UFPE, UFMG, UFMT, UFMS, UFRJ, UNICAMP, USP, UFAM, UFRGS, UFSC, UNB, UNESP, UFBA, UEA, UPF, UFF, UFC, UFG, UNIFESP.

Algumas destas universidades brasileiras participam em mais de um consórcio Erasmus Mundus.

O idioma utilizado para comunicação entre os parceiros europeus e brasileiros é o inglês. Toda a documentação que o candidato à bolsa de estudos deve submeter deve ser em língua inglesa, mesmo que ele esteja se candidatando a uma universidade europeia em que a língua oficial não seja o inglês. A UE adotou o inglês como a língua da internacionalização.

### **Geografia política x Geopolítica**

Segundo da Costa (2010), os estudiosos da geografia política concordam que sua fase clássica diz respeito aos autores e obras responsáveis pelos primeiros estudos e reflexões, que formularam conceitos e teorias fundamentais e marcaram profundamente o desdobramento deste ramo de conhecimento. Ele ressalta a importância do alemão Friedrich Ratzel e do conjunto de suas obras, especialmente Geografia Política, de 1897, visto que o alemão era um intelectual preocupado com o destino da Alemanha e participava de várias atividades acadêmicas voltadas para a questão nacional. Após o retorno de uma viagem aos Estados Unidos, ele ficou muito impressionado e esta experiência influenciou suas pesquisas, alternando estudos de geografia geral com pequenos estudos sobre problemas geográfico-políticos.

### **A Geopolítica do Pós-Guerra no Quadro Internacional**

O autor Costa (2010) descreve que, após a Segunda Guerra Mundial, a situação dos Estados Unidos era a mais favorável entre todas as grandes potências da época. Diante de países derrotados, como Alemanha e Japão, o país, além de vitorioso, tornou-se o grande provedor dos capitais necessários às suas reconstruções. Em 1945, o poder mundial estava, de um lado, com a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), a única superpotência no espaço euroasiático e, do outro lado, a supremacia dos norte-americanos, não apenas por seu poderio militar, mas, também, por sua grandeza econômica. Os Estados Unidos tornavam-se os guardiões do “Ocidente livre” e dos valores do sistema capitalista internacional. Sua nova posição estratégica consolidava-se e passava a definir todos os seus objetivos e ações no plano externo. Essa nova responsabilidade em escala mundial alterou a política global e repercutiu nas análises sobre a situação internacional.

### **A Geopolítica do inglês – Uma língua global**

É interessante tomar conhecimento da visão do sociólogo polonês Bauman quando comenta que, durante séculos, a Europa sentiu-se a rainha do planeta e agia como se assim o fosse. A Europa nunca tinha enfrentado a ameaça de ser conquistada por outro continente ou obrigada a obedecer a um império. A inesperada elevação dos Estados Unidos à superpotência pegou de surpresa a hegemonia europeia, já que ela oferecia o modelo de vida superior – mais aparelhado, seguro e rico, menos perigoso e mais digno. A Europa acreditava que cada conquista de território era um ato enobrecedor e que os conquistados sentiam-se elevados às alturas do verdadeiro conhecimento e da moralidade humana.

Jamais a Europa tinha sido olhada de cima e considerada como potência de segunda classe, obrigada a obedecer a um império estrangeiro e ter que observar padrões de vida defendidos e praticados por outros (BAUMAN, 2006).

Sabe-se que os Estados Unidos detêm a supremacia nos quatro domínios do poder global: poder militar, econômico, tecnológico e cultural. Joseph Nye (apud BAUMAN, 2006) constata que “desde Roma, nenhuma nação ficou tão acima das outras”.

Comungo com Bauman a opinião de que a dominação americana sobre o resto do mundo provavelmente continuará por longo tempo, já que a reivindicação de hegemonia planetária da terra do Tio Sam<sup>1</sup> surgiu depois que todos os impérios previamente estabelecidos foram, um a um, enfrentados, desestruturados, forçados a se retirar ou pressionados a implodir.

“Se a geopolítica pode ser definida como a análise das rivalidades de poder sobre um determinado território, fica claro que as línguas são o reflexo das relações de força” (RAJAGOPALAN; SILVA, 2004).

Percebe-se que desde a Segunda Guerra Mundial, a língua inglesa não para de progredir. A língua francesa luta para manter-se no panorama mundial, visto que já teve posição de dominância no passado e, com muito esforço, conseguiu ser reconhecida como língua oficial de trabalho na Organização das Nações Unidas (ONU), no Conselho da Europa e na Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN).

### **Características da Geopolítica do Inglês**



A principal característica do inglês é que ele já está difundido mundialmente. Este idioma está um pouco presente em todos os lugares do mundo e, de acordo com Rajagopalan e Silva (2004), os principais núcleos se encontram na Europa (Reino Unido), na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na Austrália, na Nova Zelândia e na África do Sul e nestes núcleos o inglês é a língua materna.

Há outros núcleos, geralmente de ex-colônias, onde o inglês não é a língua materna da grande maioria da população, mas é a língua do poder, dos negócios, do comércio, da indústria e da cultura, como no caso do Paquistão, Bangladesh e, especialmente a Índia.

Há ainda outra categoria de países que não foram colonizados pela Inglaterra, mas que escolheram o inglês como língua internacional, de comunicação, ou o *globish*<sup>ii</sup>. É o caso da China, do Egito e dos Emirados do Golfo Pérsico.

Não há nenhuma população que não se sinta atraída pelo inglês. Para alguns, isso é explicado pelo fato de ser a língua materna; para outros, pelo fato da influência colonial que durou por muito tempo. Para a grande maioria, pelo fato ser uma língua de peso político e pelo seu sucesso nas diversas áreas, tornando-a atraente.

Sobre as novas fronteiras da geopolítica do inglês, Rajagopalan e Silva (2004) destacam que este idioma teve uma geopolítica relativamente simples. O inglês vai se tornando universal não apenas por uma questão de geografia, mas porque é considerada a língua do progresso, da ciência, da pesquisa, da inovação, da conquista material, da riqueza, dos homens que são seguros de si e podem ser copiados como modelo, sem deixar de ser a língua da liberdade de espírito.

A difusão mundial do inglês, tornando-se a língua da globalização, não se deve à Grã-Bretanha, mas, em grande parte pela influência direta ou indireta dos Estados Unidos: o cinema de Hollywood; as produções musicais difundidas pelas rádios e televisões; a moda e o comportamento das celebridades, que são copiadas pelos jovens de diversas culturas ao redor do globo; a comunicação através das grandes agências de notícias; além do que, o setor de atividade econômica mundial que influencia os mercados internacionais ainda é o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, devido ao dólar, que é a moeda utilizada para parâmetro de comparação econômico pela maioria dos governos.

Entretanto, não podemos fechar os olhos pela onda do antiamericanismo que se propaga pouco a pouco pelo mundo, devido à “arrogância e a certas atitudes tomadas pela nação norte-

americana”. Rajagopalan e Silva (2004) destacam que “a fragilidade do inglês reside no risco de desmedida provocado pelo imenso poder dos Estados Unidos”.

### **Cultura global e supermercado cultural**

As sociedades, de uma forma geral, não param de se modificar e, com isso, as culturas sofrem constante mutação, devido à intensa velocidade de transformação que experimentamos nos tempos modernos. Mathews (2002) critica o conceito de cultura como “modo de vida de um povo”.

Hoje em dia, isso parece confuso, visto que nós pertencemos a uma cultura específica, entretanto, há um espaço globalizado onde a cultura está disponível para consumo no chamado “supermercado cultural global”. Para Mathews (2002), o mundo de hoje se assemelha a um *shopping*, a um mercado, a um supermercado. Ele declara que o supermercado cultural tem como pressuposto que qualquer um pode fazer ou acreditar em qualquer coisa que deseje, contanto que não fira diretamente outras pessoas. É a aceitação da diversidade.

Programas de cooperação como o Erasmus Mundus fomentam o acesso ao supermercado cultural, visto que os bolsistas participantes de mobilidades carregam elementos culturais formados por fragmentos de diversas culturas e estas contínuas transformações culturais exigirão deles que a identidade deles seja atualizada constantemente.

Mathews (2002) afirma ainda que a nossa era experimenta novidades, na medida em que os meios de comunicação em massa e o capitalismo transformam a maneira como a cultura é experimentada.

Amin Maalouf (apud DOCAL, 2010) disse que estamos no tempo das “tribos planetárias”, já que as comunidades são como tribos, pelos vínculos de identidade que existem entre seus membros e “planetárias” porque transcendem todas as fronteiras. Docal (2010) acrescenta que a mundialização acelerada provoca como reação um reforço do desejo de identidade.

#### 1.1. Plurilinguismo, Multilinguismo, Intercompreensão, Interculturalidade

A Europa é como uma colcha de retalhos de identidades culturais e linguísticas formada por 450 milhões de europeus, destaca Docal (2010): 27 países, 23 línguas oficiais, algumas coexistindo com várias línguas oficiais (caso da Espanha), com dialetos (caso da Itália) e com línguas e dialetos de crescente população imigrante (caso do Reino Unido).

Tanto o Conselho da Europa como a União Europeia assumem em seus textos uma postura de defesa aberta do plurilinguismo.

No Marco Comum Europeu de Referência para as Línguas (MCERL) (apud DOCAL 2002), encontramos uma distinção entre o conceito de plurilinguismo e multilinguismo: o Multilinguismo é uma abordagem de ação social. É o conhecimento de várias línguas ou a coexistência de línguas distintas em uma determinada sociedade. O Plurilinguismo é uma abordagem de ação individual. Deste modo, a competência plurilíngue constitui a base da intercompreensão. Em vez de se utilizar uma língua terceira entre dois falantes de línguas diferentes, a compreensão será sempre melhor quando os dois interlocutores conhecerem a língua do outro, tanto em nível informativo como em nível emocional.

A Intercompreensão é uma situação de diálogo em que pessoas de línguas diferentes continuam a falar ou a escrever as línguas delas sem deixar de se compreender. A «intercompreensão em línguas românicas», facilitada pelas semelhanças das línguas provindas do latim, tornou-se nos últimos anos um campo de pesquisa fecundo. Desde 2004, a plataforma Galanet tem se relevado como sendo uma eficiente ferramenta que proporciona uma autêntica experiência de intercompreensão linguística. O projeto Galanet é um programa da Comunidade Europeia, cujo objetivo é estimular a intercompreensão entre os romanófonos, ou seja, os falantes de português, francês, italiano, espanhol e, é claro, o próprio romeno, todos idiomas de origem latina.

De acordo com Docal (2010), a competência plurilíngue e pluricultural incorpora a interculturalidade, que pode ser definida como um processo de interações que se produz entre indivíduos ou grupos que pertencem a sistemas culturais heterogêneos. Tradicionalmente, os enfoques comunicativos para se falar uma língua eram os do falante nativo: o objetivo era alcançar a aquisição de um grau de competência linguística que se aproximasse o máximo possível de uma pessoa originária do país. Hoje, surge o novo modelo do “falante intercultural” que é a pessoa que tem conhecimentos de uma, ou preferencialmente mais culturas e identidades sociais e que desfruta da capacidade de descobrir e de relacionar-se com novos contatos.

No Projeto Erasmus Mundus a língua inglesa é utilizada nas comunicações e documentos entre as universidades parceiras. Entretanto, nos países de origem latina, após um primeiro contato em língua inglesa, os parceiros utilizam a intercompreensão, ou seja, não se faz necessário aprender o idioma do outro, visto que as línguas são originadas da mesma ramificação linguística, facilitando a comunicação.

## Tradução cultural e estudos culturais

O magnífico escritor e tradutor italiano Umberto Eco afirmou que “a tradução é a língua da Europa”. A tradução tem como objetivo a comunicação e o tradutor desempenha o papel de mediador cultural.

Em função da globalização e da internacionalização dos mercados e das culturas, a tradução pode ser considerada uma poderosa ferramenta de democratização e comunicação intercultural.

Guerini e Costa (2007) definem apropriadamente os termos traduzir e tradução ao descreverem que a palavra traduzir deriva do latim *traducere* e, segundo o dicionário Aurélio, etimologicamente significa “conduzir além”, “transferir”. Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original “transferir” quer dizer, entre outras coisas, também “transportar, trasladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar, manifestar, explanar”, “representar, simbolizar”. Traduzir no sentido de “passar de uma língua a outra” é uma metáfora do ato físico de transferir. Por sua vez, o próprio verbo traduzir, e o substantivo derivado tradução, são empregados, com frequência, como uma metáfora para descrever outros fenômenos parecidos. Assim, traduzir designa, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos.

A recente movimentação dos Estudos de Tradução em direção à área dos Estudos Culturais ocorreu a partir da percepção nos últimos anos, de que os textos, a leitura e a tradução devem ser construídos de acordo com as circunstâncias, ou seja, os textos não podem manter entre si, uma relação de oposição (original vs. tradução) nem de equivalência (original = tradução), mas uma relação de mútua dependência entre si.

Antigamente, a tradução era considerada uma subdivisão da Linguística e, hoje, é entendida como uma área de investigação interdisciplinar, e o elo inseparável entre língua e cultura tornou-se o foco do interesse acadêmico (BASNETT, 2003).

Munday (2002) também declara que os Estudos da tradução são uma nova disciplina acadêmica relacionada ao estudo da teoria e o fenômeno da tradução. De natureza multilíngue e interdisciplinar, abrange áreas como línguas, comunicação, linguística, filosofia e uma variedade de tipos de estudos culturais.

Os Estudos de Tradução têm tomado outro rumo e a antiga preocupação apenas com os aspectos linguísticos vem dando lugar à atenção com os problemas de ordem intercultural.

Atualmente, o tradutor precisa também estar inserido no contexto em que está trabalhando e sua preocupação não se restringe mais apenas em relação às línguas de trabalho, pois ele passou a ser um mediador de culturas.

### **A importância dos cursos de Tradução**

Segundo Martins, a partir da segunda metade do século XX observou-se uma grande expansão da atividade tradutória devido principalmente à intensificação da comunicação mundial e aos grandes avanços tecnológicos, que não só geraram valiosas ferramentas de auxílio à tradução como também criaram novas modalidades de prática. Além disso, em 1988, houve o reconhecimento da tradução como uma profissão liberal no Brasil e isso representou um grande incentivo ao oferecimento de cursos de formação de tradutores.

O tradutor deve ser capaz de compreender o que diz o texto: não só as palavras, mas o seu verdadeiro sentido, isto é, a mensagem que o autor quer transmitir. Para traduzir corretamente, tem de se ter em conta não só a estrutura e a gramática, mas também o contexto e o estilo do original, assim como as várias sutilezas do significado das palavras.

O bom tradutor deve ter conhecimentos de caráter cultural ou estilístico. O curso de tradução pode ajudar a abrir a mente do profissional para que ele entenda a questão cultural. Muitos textos estão associados a uma determinada cultura que têm de ser traduzidos de forma diferente em função do público a que se dirigem para torna-los acessíveis a pessoas de culturas ou regiões geográficas diferentes.

Para que a “condução” de uma cultura para outra possa ser realizada sem muitas perdas, o tradutor deve ter meios para desenvolver a chamada “competência tradutória” que é a reunião de conhecimentos, técnicas e experiências que o levarão a produzir um trabalho de qualidade.

### **Considerações finais**

Segundo Mattos (2001), o inglês é o idioma universal falado por mais de 200 milhões de pessoas que o utilizam como segundo idioma. O inglês tem um alcance político, econômico, ideológico e dos Estados Unidos. A difusão desta língua é um fenômeno global, significando para

diversas comunidades a língua de ascensão e de prestígio. Todos os lugares e sociedades onde o inglês é assentado contribuem para manter a cultura norte-americana. Como consequência, temos o papel predominante dos Estados Unidos na cena mundial e ditam as diretrizes para a condução das geopolíticas e das rivalidades entre este país e o resto do mundo.

Trabalhando com o projeto Erasmus Mundus de mobilidade acadêmica, em uma instituição de ensino superior federal, e utilizando a língua inglesa para comunicação entre os países europeus, pude constatar que os alunos europeus que chegam a Belém, através deste projeto de intercâmbio, para estudar aqui por, pelo menos, um semestre, sem fluência na língua portuguesa, recusam-se, muitas vezes, a se expressarem em inglês, mesmo sendo fluentes nessa língua, e dão preferência a um diálogo utilizando-se de suas línguas maternas, ou um português pobre, deficiente, quando estes são falantes de línguas neolatinas como francês, espanhol e italiano. Esta constatação deve-se ao fato de que a UE tenta combater a hegemonia do inglês, por causa da influência norte-americana. O multilinguismo, ou diversidade linguística, adotado pela UE também é uma forma para combater a hegemonia do inglês. Entretanto, há de se questionar a substituição da hegemonia de uma única língua pela hegemonia de diversas, todas europeias. Embora esta proposta seja uma arma para enfrentar a soberania da língua inglesa no contexto europeu, sua eficácia para o resto do mundo não é tão evidente.

A graduação de Bacharelado em Tradução é excelente também para o profissional que trabalha com cooperação internacional, visto ser um curso multidisciplinar, com diversos fundamentos teóricos e práticos, que proporcionam ao tradutor técnicas de suma importância para que ele seja capaz de exercer sua atividade com desenvoltura no cotidiano profissional. Saber transpor culturas é condição *sine qua non* para um excelente trabalho de tradução, além do que o tradutor precisa ser pluricultural.

### Referências

BASSNETT, Susan. Estudos da Tradução. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. *Tradução* de Vivina de Campos.

BAUMAN, Zygmunt. Europa: uma aventura inacabada. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

BEAUGRANDE, Robert de. Geopolitics, geolinguistics, and translatability. *Intercultural Communication Studies*, v. 14, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://www.uri.edu/iaics/content/2005v14n4/02%20Robert%20de%20Beaugrande.pdf>> Acesso em: set. 2010.

BORGES, Jorge Luis. Obras Completas. V. I, II e III. Barcelona, Emecé, 1996.

DA COSTA, Wanderley Messias. Geografia Política e Goepolítica. São Paulo: Edusp – editora da Universidade de São Paulo, 2ª edição, 1ª reimpressão 2010.

DOCAL, Rocio Aguiar. Mesa-redonda: Cultura e identidades en la enseñanza y aprendizaje de las lenguas. In: III Fórum de Línguas, Belém: UFPA, 2010.

DOS REIS, Nicole Isabel. Resenha de MATHEWS, Gordon. Cultura global e identidade individual. Publicado em Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20.

EUROPA. In: O PORTAL DA UNIÃO EUROPEIA. 2010. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/education/languages/languages-of-europe/doc135\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/education/languages/languages-of-europe/doc135_pt.htm)> Acesso em: set. 2010.

FLORES JR., Renato G.. Alguns aspectos da Construção da União Europeia. In: 285. Seminário sobre a Europa da II Conferência nacional de Política Externa e Política Internacional: “O Brasil no mundo que vem aí?”. Rio de Janeiro, 2007.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. Introdução aos estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/13308942/Andreia-Guerini-Walter-Carlos-Costa-Introducao-Aos-Estudos-Da-Traducao-Libras-2007>>. Acesso em: set. 2010.

GUILLEMETTE, Leda Rouquayrol; VILLA, Santiago Herrero. Guia sobre a cooperação União Europeia – América Latina 2007. CEFICALE, 2007.

KEOHANE, Robert O. After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy. Princeton, N.J., 1984.

LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.) A geopolítica do inglês. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

LIVRO AZUL 2008 da Cooperação da União Europeia no Brasil. Brasília: Ct. Comunicação Ltda, 2008-

MARTINS, Marcia A. P. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO NO BRASIL: O CASO DA PUC-RIO. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6997/6482>>. Acesso em: out. 2010

MATTOS, Amir Borges. Idiomas – histórias interessantes das línguas. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2001.

MATHEWS, Gordon. Cultura global e identidade individual. Bauru: EDUSC, 2002.

MUNDAY, Jeremy. 2002. Introducing translation studies: theories and applications. London & New York: Routledge.

RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.) ; SILVA, F. L. L. (Org.) . A lingüística que nos faz falhar: investigação crítica. São Paulo - SP: Parábola Editorial, 2004.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Tio Sam é uma personificação dos Estados Unidos da América e a lenda diz que o Tio Sam foi criado por soldados americanos no norte de Nova Iorque, quando recebiam barris de carne com as iniciais U.S. (de United States, que significa "Estados Unidos" em português). Os soldados teriam brincado, dizendo que as iniciais significariam Uncle Sam ("Tio Sam"), uma referência ao dono da companhia fornecedora da carne, Samuel Wilson, de Troy. O apelido ficou bastante popular e a revista americana Punch o nomeou como símbolo americano.

<sup>ii</sup> Globish é a contração de "global English". É uma versão simplificada da língua inglesa que utiliza somente as palavras e frases mais comuns.

**Abstract:** This article aims to demonstrate that, within the project Erasmus Mundus, the English language is important for communication between European and Brazilian universities. At the same time, Europeans despise the use of English in countries with Romance languages such as Portugal, Italy, Spain and France, when used by foreigners in these places due to the globalization of English through American culture. For this discussion were used the theories Mathews (2002), Bauman (2006).

**Keywords:** English language, translation, Erasmus Mundus, the European Union.